

O TRADUTOR SOB O PRISMA DO AUTOR: A REPRESENTAÇÃO DO TRADUTOR NA LITERATURA

Alessandra Matias Querido
Universidade de Brasília
alequerido@gmail.com

Resumo: A análise da representação dos tradutores em textos ficcionais é uma vertente dos Estudos de Tradução que merece atenção, não só pela curiosidade que desperta em saber como os autores tornam os tradutores visíveis em seus livros, mas também, porque o número de publicações nas quais o tradutor é personagem tem aumentado nos últimos anos. Pesquisas recentes demonstram que as representações ficcionais do tradutor podem ser divididas em quatro grandes grupos: textos de ficção científica, narrativas policiais, romances políticos e romances psicológicos. As análises acerca de cada categoria nos levam a crer que o universo literário pode suscitar inúmeras reflexões sobre o tradutor e seu ofício e promover discussões válidas e interessantes sobre a Teoria da Tradução. A identidade do tradutor, a ética na tradução, o papel político e social deste profissional, a relação entre fidelidade e traição, o futuro da profissão entre outras questões podem ser analisadas tendo por base o texto literário.

Palavras-chave: Tradutor, literatura, teoria da tradução.

Abstract: The analysis of translator's representation in fictional texts is a branch of Translation Studies that deserves attention, not only for a matter of curiosity to see how writers make translators visible in their books, but also because the number of publications that present translators as characters have been increasing in the last years. Recent research has shown that the fictional representation of translators could be divided into four major groups: science fiction texts, detective novels, political novels and psychological novels. The analysis about each category make us believe that the literary universe can bring about innumerable discussions about the translator and its work and other relevant subjects on Translation Theory.

Translator's identity, the matter of ethics in translation, translator's social and political role, the relation between fidelity and betrayal, the future of translator's profession and other different questions can be analyzed through literary texts.

Keywords: translation studies, translator, representation.

Nos Estudos de Tradução, entre as várias vertentes de pesquisa, há a que se dedica à análise da representação do tradutor e da tradução nos textos ficcionais, ou a vertente ficcional, como denominou Else Vieira (apud PAGANO, 2002, p. 81). Desde a década de 90, há um crescente interesse em observar como os autores representam os tradutores em seus livros, de um lado porque o tradutor têm se tornado personagem presente em muitas obras ficcionais, de outro porque parte-se do pressuposto que a maneira escolhida pelos autores para representar o tradutor pode não estar isenta de estereótipos, os quais os teóricos em tradução vêm tentando combater ao longo dos anos.

De certa forma, o aumento de obras literárias nas quais o tradutor é personagem reflete questionamentos da sociedade moderna, já que “a literatura contemporânea está interessada em questões de identidade, em personagens cujas identidades fragmentadas refletem o mundo moderno fragmentado, no qual o deslocamento é um fenômeno comum” (STRÜMPER-KROBB, 2003, p. 116). O tradutor parece ser então, o personagem ideal, uma vez que é o profissional no entre-lugar, refém de dilemas, como argumenta Douglas Robinson (1996): entre línguas, entre uma cultura e outra, entre o texto fonte e o texto alvo, entre o conhecimento e a intuição, entre ser o criador ou o canal, entre uma postura nacionalista ou estrangeirizadora e tantos outros questionamentos.

Além de refletir a própria sociedade moderna, o personagem tradutor também carrega imagens que permeiam o imaginário do senso comum. Por exemplo, em muitas obras temos a imagem do tradutor como um solitário cercado de livros (quase um eremita, como podemos ver em muitas pinturas que retratam São Jerôni-

mo); ou a de um intelectual, pois muitos tradutores que se dedicaram ao ofício também eram catedráticos; e, ainda, a do tradutor como aquele que corrompe ou estraga os textos do autor: o traidor. Arrojo argumenta:

O pressuposto geral que tem nutrido esse exame é de que o tratamento conferido aos personagens em questão, como o senso comum e como a grande maioria das abordagens teóricas, reflete concepções dominantes sobre a atividade tanto daqueles que se dedicam à produção de "originais" como dos trabalhadores textuais menos prestigiados - tradutores e intérpretes, ou críticos e leitores profissionais - geralmente colocados à margem de qualquer possibilidade de criatividade e de reconhecimento público (2003, p.195).

Sendo assim, se os tradutores saem dos bastidores e ocupam uma posição central no palco, como protagonistas de vários romances, é preciso observar como é feita esta representação e quais implicações podem ter. No que diz respeito ao tradutor traidor, por exemplo, a representação se desdobra em: o tradutor-ladrão, como podemos ver no conto do escritor húngaro Dezso Kostolányi, "O tradutor cleptomaniaco"; o tradutor-antiético que muda os textos de acordo com a própria vontade, como o personagem de Ítalo Calvino em *Se um viajante numa noite de inverno* ou o tradutor-assassino, como no livro de Santiago Nazarian, *Feriado de mim mesmo*, que neste caso, mata não o texto, mas o autor.

Todavia, nem só de traição vive o tradutor-personagem. De fato, outras questões teóricas são abordadas na ficção e é possível discutir pontos como a posição política do tradutor, seu papel social, sua melancolia e o próprio processo tradutório e o futuro da tradução, entre outros tópicos. Delabastita e Grutman propõem uma classificação dos tipos de representação do tradutor e da tradução nos textos fictícios, a qual passa pelos livros de ficção científica e pelos romances que abordam as questões mais pessoais do

tradutor ou seu papel político. Além das categorias propostas pelos autores, o tradutor também aparece em livros policiais e, por essa razão, é pertinente acrescentar às categorias a que trata do tradutor como detetive e, às vezes, bandido, proposta por Strümper-Krobb.

Intergalático

Esta categoria diz respeito ao tradutor nos textos de ficção científica, nos quais, normalmente, das mensagens traduzidas dependem o futuro da humanidade (ou de um planeta, de um povo alienígena, de um sistema solar...). O mais comum na ficção científica é que o desejo da comunicação universal esteja satisfeito com a utilização de uma língua franca, de um tradutor universal ou da telepatia.

O tradutor universal é um dispositivo que tem a capacidade de aprender outras línguas, de acordo com padrões já armazenados, e traduzir em tempo real. Diz-se que foi citado pela primeira vez no livro *First contacts* (1945) de Murray Leinster. Além deste dispositivo, em alguns exemplos são usados chips e também já foram citados os chamados tradutores biológicos. O mais recente, mostrado no seriado televisivo *Farscape*, era uma bactéria que injetada no corpo, alojava-se no cérebro e fazia a tradução.

O tradutor humano, apesar de nem sempre estar presente, devido a todos esses recursos como telepatia, língua franca ou máquinas de tradução, ainda trabalha no futuro (principalmente quando os mecanismos falham) e, quando aparece, costuma ser “um híbrido, reverenciado e temido” (CRONIN, 2000, p. 127). Híbrido significa que, neste futuro imaginado, os humanos que sabem outras línguas não são totalmente humanos, mas tem seu genoma alterado e possuem características de alienígenas. Também no futuro da ficção científica, os tradutores ainda estão no entre-lugar. O problema talvez esteja no fato de os híbridos poderem ser vistos como aberrações ou monstros. Cronin (2000, cap. 5) cita três livros nos

quais temos o tradutor humano: *Babel 17*, de Samuel Delaney; *A revelação de Rama*, de Arthur C. Clarke e Gentry Lee e *O guia do mochileiro das galáxias*, de Douglas Adams.

Babel 17 expõe a importância da linguagem para o pensamento e a percepção que se tem da realidade. No livro, *Babel 17* é uma língua desenvolvida para ser utilizada como arma. À medida que as pessoas a aprendem, vão se tornando traidoras porque a nova língua altera sua percepção e seu pensamento, ao mesmo tempo em que aumenta outras capacidades. Rydra Wong, a capitã de uma nave e também linguista, telepata e poetisa, descobre a arma do inimigo e é incumbida de infiltrar-se e sabotar os planos. A tradutora é responsável por salvar a todos.

Em *Rama Revealed*, o último de uma série de livros de Clarke e Lee, uma colônia humana no espaço transforma-se numa ditadura e a heroína, Nicole, é condenada à morte, escapa e vai viver nos subterrâneos de Nova Iorque, os quais são habitados por criaturas denominadas octoaranhas. Richard, com quem Nicole é casada, desenvolve tradutores automáticos para traduzir a língua das octoaranhas. Contudo, ainda que o tradutor automático seja utilizado em muitos trechos do livro com certo sucesso, a intervenção do tradutor humano ainda é necessária e as divergências linguísticas ainda estão presentes em 2200. A personagem Ellie é responsável pelo contato com as octoaranhas, não apenas quando o tradutor automático falha, mas como uma espécie de diplomata, já que a personagem é um híbrido, ou seja, tem em seu genoma características predominantemente humanas, mas também genes de octoaranhas.

O guia do mochileiro das galáxias conta a história de Arthur Dent, o qual descobre que seu melhor amigo, Ford, é um extraterrestre e que a Terra será destruída por uma raça alienígena, os Vogons. Com a ajuda de Ford, ele consegue fugir da destruição, escondido numa espaçonave Vogon. Quando descobertos, os dois clandestinos são abandonados no espaço e resgatados por outra nave.

No livro, o tradutor automático é um pequeno peixe que é inserido no ouvido e excreta a tradução. O interessante é que ao permitir que todos se comuniquem, o peixe mais provoca guerras

do que ajuda. Talvez possamos inferir com esta crítica do autor que o papel do intérprete humano na comunicação entre os povos seja muito mais diplomático do que se supõe.

As abordagens propostas na ficção científica nos levam a crer que a figura do tradutor, apesar de solicitada apenas em situações extremas, uma vez que existem recursos tecnológicos que permitem a comunicação, ainda é necessária no futuro imaginado. Os autores deixam subentender que o processo tradutório vai muito além de converter palavras.

Internacional ou intercontinental

Narrativas políticas que descrevem encontros e conflitos entre povos e continentes fazem parte desta classificação. Muitos dos livros que podem vir a compor este *corpus* se encaixam na literatura colonial ou pós-colonial e retratam o trabalho dos tradutores durante o processo de colonização ou de afirmação das identidades nacionais pós-colônia. Em outros exemplos encontrados, também há o tradutor no cenário da Guerra Fria ou pós Segunda Guerra.

Dois bons exemplos de narrativas pós-coloniais são *O último voo do flamingo* (2000) do escritor moçambicano Mía Couto e *O tradutor* (2008), um relato do intérprete sudanês Daoud Hari. Em *O último voo do flamingo*, apesar de falar e entender português com razoável sucesso, o personagem italiano Massimo Rici descobre que os rudimentos da língua local são insuficientes para compreender a realidade de Tizangara, região fictícia criada por Couto, a qual reflete o pós-colonialismo em outras regiões da África. Ao chegar para investigar uma série de mortes de soldados das forças de paz, o representante da ONU é enredado nas misteriosas histórias dos moradores e nas tortuosas relações políticas locais.

O administrador Estevão Jonas designa um tradutor oficial para acompanhar o italiano. O tradutor é o narrador do romance e

acompanha Rici nas investigações sobre os soldados que explodiram inexplicavelmente. *O último vôo do flamingo*, de Mia Couto, apresenta um aspecto importante a ser analisado em termos de teoria da tradução: a relação entre tradução e identidade nacional.

De acordo com Fonseca (2001, p. 9), o papel do tradutor nessa narrativa se assemelha ao do historiador, pois é ele quem reúne os fragmentos, preenche lacunas, sugere caminhos. A autora ainda propõe que, na linha de Guimarães Rosa, Mia Couto se utiliza da voz do tradutor para revelar os marginalizados, os esquecidos. No caso do livro de Mia Couto, o tradutor é o responsável por “traduzir” a língua e o universo das minorias e preservar a identidade nacional.

Um aspecto que intriga no romance é que o tradutor é o único personagem que não tem nome, o que pode ser interpretado positivamente, ao pensá-lo como alguém que dá voz aos outros, à minoria; mas também, de forma não tão positiva, como o de alguém que representa outras vozes, mas precisa ficar invisível, como costuma ser o papel proposto ao tradutor e questionado pelos teóricos, os quais explicam que mesmo que o tradutor não queira, vai imprimir no texto traduzido algumas marcas suas. Outro ponto é que o tradutor também é acusado de ter falseado suas traduções:

Fui eu que transcrevi, em português visível, as falas que daqui se seguem. Hoje são vozes que não escuto senão no sangue, como se a sua lembrança me surgisse não da memória, mas do fundo do corpo. É o preço de ter presenciado tais sucedências. Na altura dos acontecimentos, eu era tradutor ao serviço da administração de Tizangara. Assisti a tudo o que aqui se divulga, ouvi confissões, li depoimentos. Coloquei tudo no papel por mando de minha consciência. Fui acusado de mentir, falsear as provas de assassinato. Me condenaram. Que eu tenha mentido, isso não aceito. Mas o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram. Agora, vos conto tudo por ordem de minha única vontade. É que preciso livrar-me destas lembranças

como o assassino se livra do corpo da vítima (COUTO, 2000, p. 9).

O que vemos na narrativa, é que apesar de dar voz aos outros personagens e com isso ajudar na construção da identidade de Tizangara, o tradutor é acusado de ter mentido. Mais do que a própria conotação comum de que o tradutor pode não traduzir adequadamente e, por isso, não ser digno de confiança, o que se reflete é que qualquer voz que se levante contra o sistema estabelecido pode ser silenciada, principalmente se tratando de relações de poder em ambientes de pós-colonialismo.

O livro do sudanês Daoud Hari, *O tradutor*, é um livro de memórias e, ainda que haja controvérsias sobre o caráter fictício ou não das obras autobiográficas ou de memórias, é uma narrativa que mostra a situação delicada dos tradutores e intérpretes em cenários de guerra civil. Daoud nasceu em Darfur e é membro da tribo Zaghawa. O vilarejo onde morava foi invadido e ele foi testemunha do genocídio. Ao chegar ao campo de refugiados, ele decide trabalhar como intérprete dos repórteres da NBC, do *New York Times* e da BBC, bem como de membros da ONU. O que se vê no livro é a trajetória de um intérprete que enfrenta a morte a todo instante e que precisa mentir sobre sua identidade no intuito de divulgar os horrores sofridos por seus conterrâneos.

No continente norte-americano, temos o conto “Las dos orillas” (1993) do escritor mexicano Carlos Fuentes. Com base na crônica de Bernal Díaz Del Castillo, (um dos soldados que participou da colonização espanhola do México no século XVI), denominada “*Historia verdadera dela conquista de Nueva España*”, a qual relata a saga dos conquistadores; Fuentes reconta a história, dando voz a Jerônimo de Aguilar, personagem também histórico que participou do processo como tradutor. A história de Fuentes é escrita no intuito de desmistificar o processo colonizador, repensar trechos da História, mostrando os horrores da conquista.

O personagem Jerônimo já está morto e narra o arrependimento de não ter traduzido fielmente as palavras do conquistador. Tudo que lhe era dito, era aumentado: as torturas seriam maiores, o terror pior. Na pós-morte, repensando as barbaridades que presenciou e das quais fez parte, o tradutor fica remoendo a culpa. Há também na história a personagem Marina, a qual também traduziu as palavras dos conquistadores, mas fielmente. Schmitz argumenta que a ironia da história é que as coisas ditas pelo tradutor traidor acontecem de fato e as ditas pela tradutora fiel não ocorrem, o que inverte a noção de quem foi fiel a quem. As infidelidades ou mentiras de Jerônimo se tornam verdade para a população, enquanto as verdades de Marina não se concretizam.

Além das narrativas sobre o colonialismo e o pós-colonialismo, esta categoria que aborda as relações internacionais também pode incluir textos sobre situações políticas diversas. O livro de William Buckley Junior, *Nuremberg, the reckoning* (2002), por exemplo, fala do Julgamento de Nuremberg, misturando ficção e realidade. A história é narrada do ponto de vista do tradutor que é contratado para trabalhar no interrogatório dos criminosos e no tribunal.

Subjetivo

A tradução é descrita em termos pessoais nas narrativas que se encaixam nesta classificação, os romances costumam ter caráter psicológico. O tradutor e a tradução são abordados em termos de experiência subjetiva e identidade pessoal e, constantemente, reflexões sobre a ética na tradução também tomam parte nessas ficções. Alguns dos temas recorrentes nessas narrativas são: a questão da confiança, a dicotomia fidelidade/traição, a relação entre a invisibilidade e a ambição por autoria, intraduzibilidade, a melancolia na tradução e a identidade do tradutor.

Os tradutores na ficção refletem os conflitos internos percebidos pela vertente de pesquisa Tradução e Psicanálise e sofrem nas

narrativas a melancolia da invisibilidade. Além disso, alguns tradutores representados na ficção expressam seu desejo de escrever seu próprio livro (o que acaba recaindo no estereótipo do tradutor como escritor frustrado) e, em alguns exemplos, demonstram sentimento de inferioridade perante o escritor. A intraduzibilidade também permeia o pensamento dos tradutores personagens, atormentando-os com reflexões sobre a impossibilidade da tradução e as restrições que o tradutor enfrenta.

Com relação ao tema identidade, como o tradutor, sempre no entre-lugar, oscilando entre duas culturas, vê sua própria imagem? Nas narrativas que falam sobre o tema, o tradutor reflete essa sensação de não pertencer, de deslocamento, o que muitas vezes recai no tema referente à melancolia. Anderson (2005, p. 172), explica que o tradutor retratado na ficção costuma ser “uma figura sombria cuja identidade é desestabilizada pelo trabalho que desenvolve, descrito como *apache de l’edition, voyou de la littérature*”. Além disso, Anderson expõe que muitos dos tradutores na ficção são não apenas considerados instáveis, como beiram à esquizofrenia.

Entre as possibilidades de análise do universo subjetivo do tradutor, o livro *Outrora Agora* do escritor português Augusto Abelaira mostra um tradutor problemático, tentando “traduzir” o complexo caminho que sua vida percorreu. Dividido entre a esposa, uma ex-namorada e uma jovem que atravessa seu caminho, o personagem repensa todos os detalhes dos diálogos que desenvolve com cada uma delas. Na verdade, Jerônimo nunca se contenta com as palavras escolhidas e vive refletindo sobre o sentido possível do que fala.

No livro, tudo parece remeter ao universo tradutório, pois a maneira metalinguística como Abelaira constrói seu texto faz com que um tradutor/leitor consiga se ver na maneira de pensar do personagem Jerônimo. Maciel explica:

Jerônimo procura o fim último das palavras, espia por trás delas, abaixo delas, e tenta extrair o sentido oculto nos enunciados... ele insinua-nos que é preciso estar atento às

diferentes nuances de sentido que pode conter um enunciado, e que por trás das palavras pode haver uma intenção, mais profunda, e que é preciso desvendá-la. Ora, em uma obra irônica como *Outrora Agora*, vemos-nos tentados a analisar “Jerônicamente” todas as falas que dêem margem ao dúbio (contam-se praticamente todas). Todavia, não ariscaríamos afirmar tal raciocínio categoricamente, uma vez que, na obra de Abelaira, nada se firma definitivamente. Este é o romance das possibilidades, do vir a ser, de forma que não se pode, seguindo exemplo de Jerônimo, afirmar, acertadamente, um segundo sentido nos enunciados, porquanto o próprio personagem nos alerta (2005, p. 1).

O personagem Jerônimo nos é apresentado sempre pensando (normalmente, o seu pensamento é representado entre parênteses) nas possibilidades das palavras, refletindo intertextualmente, bem à maneira que o tradutor (e também o autor) age enquanto traduz.

No âmbito das palavras, pode-se observar ainda a intensa relação do protagonista para com estas: ele persegue, escolhe ou reprovava as palavras, procura a melhor forma de se expressar, busca a adequação e a exatidão vocabular. Até certo ponto, nada excepcional, se pensarmos em um tradutor, ou seja, alguém que reescreve livros e tenta dizer o mesmo em outro código linguístico. A característica de esmiuçar palavras é uma constante para o tradutor. Contudo, ver o ponto de vista de Jerônimo e a maneira como ele brinca com as palavras, degusta-as, mostra para o leitor o quanto o processo tradutório demanda reflexão.

Outro ponto interessante do Jerônimo de Abelaira é que, como outros tradutores representados na ficção, ele parece ter vontade de ser escritor, de realizar a “obra original”, mas não o faz porque acredita que os escritores escrevem muitas asneiras. Seu discurso para tentar se convencer sobre as razões de não se tornar escritor soa mais rancoroso e invejoso do que sincero, o que reforça a representação do tradutor como escritor frustrado.

Boa piada! Mas há muitos escritores que julgam ter piada com tolices destas? E piadas destas tenho-as aos milhares. Por que não me fiz romancista? Os romancistas, a liberdade de dizer asneiras, disfarçando-as atrás de personagens. Insuportáveis quando pretendem passar por grandes pensadores e apenas repetem banalidades. Piores ainda quando falam de cátedra nas entrevistas (ABELAIRA, 1997, p. 47).

Se há uma razão para nunca desejar ser escritor, ei-la: adquirido esse estatuto, os escritores dão-se ao luxo de dizer os piores disparates com o ar de quem diz verdades dignas do mármore eterno. Levam-se a sério, falam de tudo e de nada, têm opiniões (só os parvos têm opiniões). Assim, as tolices ficam comigo (idem, pp. 155-156).

Evidentemente, podemos interpretar a fala de Jerônimo como uma ironia do próprio Abelaira acerca do seu ofício de escritor, contudo, como o personagem que expressa essa opinião é tradutor, permanece o estereótipo de que, no fundo, o sonho de todo tradutor era ser escritor.

Uma frase de Jerônimo que reflete a questão da intraduzibilidade, ou da percepção que o tradutor tem sobre a dificuldade de seu ofício é a seguinte: “Curioso, como as palavras podem aproximar ou aumentar distâncias. Distâncias que, não sendo espaciais, poderão chamar-se distâncias? De que outra maneira dizer isso?”. A pergunta é lançada aos leitores e não há como evitar a vontade de nomear essas distâncias não espaciais...

Outro personagem, cuja experiência subjetiva reflete o desejo de autoria é Fabrizio Garrone, do livro *The house on Moon Lake* de Francesca Duranti. O tradutor é profundamente frustrado com a profissão e sonha ser publicamente reconhecido. Fabrizio encontra, por acaso, um artigo que fala de um autor austríaco, o qual nunca escreveu nada tão extraordinário, mas cujo livro *Das Haus am Mondsee* pode ser considerado um grande feito. Fascinado com

a idéia de o livro não ter sido traduzido ainda e com o fato de o autor ser desconhecido e já estar morto, o tradutor traduz a história buscando reconhecimento, na verdade o que ele deseja é que sua autoria seja percebida.

Fabrizio escreve o prefácio do livro, mas o editor não fica satisfeito e pede que ele faça então a biografia do autor. Como não há informações sobre os últimos três anos de vida do escritor e sobre a mulher que lhe serviu de inspiração, Fabrizio inventa esta parte da biografia. O problema é que a personagem feminina que ele cria como musa do escritor, acaba por sair da fantasia e tomar conta da sua realidade. O tradutor vai se alienando da realidade à medida que se identifica com o autor que está traduzindo.

Sobre esta categoria subjetiva, muitos dos conceitos que subjazem às narrativas são referentes aos clichês e estereótipos acerca do tradutor como um escritor frustrado, como anti-social e como estas imagens refletem em termos da autoidentidade do tradutor.

Detetive ou bandido

Nas narrativas policiais, o tradutor muitas vezes exerce o papel de detetive e a tradução serve como ferramenta para manter o mistério e o suspense. Outras vezes, ainda que o tradutor comece a narrativa atuando como detetive, ele acaba mudando de posição e virando o bandido da história, como é o caso do livro *Borges e os orangotangos eternos*. Na narrativa de Verissimo, o tradutor que ajuda Borges e o investigador Cuervo a decifrar o crime, acaba sendo desmascarado por Borges: o tradutor é o assassino.

A percepção do traduzir como desvendar, solucionar problemas, lidar com ambiguidades, interpretar e casar informações faz com que muitos autores se utilizem da tradução como mecanismo para manipular a curiosidade do leitor.

Do “Intérprete grego”(1893) de Sherlock Holmes ao Código Da Vinci (2003) de Dan Brown, há inúmeros exemplos na ficção nos quais a tradução é usada no momento apropriado para desvendar uma informação crucial, como uma profecia ou uma mensagem secreta (DELABASTITA e GRUTMAN, 2005, p. 25).

A tradução serve como metáfora para a solução do mistério e o tradutor, por sua vez, exerce nas narrativas policiais o papel de detetive ou de bandido. De acordo com Strümper-Krobb (2009), a posição do tradutor tanto em um papel quanto em outro estão associadas a clichês: o bandido porque há a imagem do tradutor como manipulador ou traidor, alguém em quem não se pode confiar; o detetive devido à visão idealista do tradutor como construtor de ponte, facilitador neutro da comunicação, aquele que descobrirá a verdade escondida na linguagem.

O que torna os tradutores e os intérpretes interessantes como figuras literárias é o fato de que, em ambos os papéis, ele podem contribuir significativamente para o discurso sobre a possibilidade da existência de verdades não-ambíguas, de distinções claras entre original e cópia, realidade e ficção. Por isso, o tradutor se torna uma voz importante no discurso metaficcional. Podemos dizer que os tradutores não apenas contribuem para enredos que girem em torno de crimes e sua solução, no sentido convencional de descobrimento e revelação da verdade ou sobre o que é certo e errado; mas também, devido exatamente ao papel duplo do tradutor, enquanto detetive ou investigador, ele pode ser utilizado para questionar outro tipo de crime: os crimes contra as noções tradicionais de autenticidade e originalidade (STRÜMPER-KROBB, 2009).

Um exemplo é o livro do autor norte-americano Matthew Pearl, *O clube Dante*. A história gira em torno de um grupo de tradu-

tores, dentre os quais se encontram os poetas Henry Wadsworth Longfellow e James Russel Lowell, incumbidos de traduzir *A divina comédia* para o inglês. Enquanto traduzem o poema, ocorre uma série de assassinatos que parecem ser planejados a partir das descrições das punições do *Inferno* de Dante. São os tradutores os responsáveis por ajudar a polícia a decifrar os crimes, os colaboradores que devido ao seu conhecimento especializado podem contribuir para a solução do caso.

No livro do escritor argentino Pablo de Santis, *La traducción*, há também a tradução como metáfora para investigação. Vários tradutores vão a um congresso numa cidade fantasma na costa argentina na qual começam a ocorrer mortes estranhas: os cadáveres são encontrados perto da água com uma moeda antiga embaixo da língua. As circunstâncias dos crimes e os signos escondidos na trama serão analisados por este grupo de tradutores.

O pesquisador Brian James Baer explica em um artigo que muitos livros policiais populares na Rússia têm como protagonista o agente poliglota ou o tradutor. Baer cita alguns autores contemporâneos a título de exemplo. O primeiro é Boris Akunin, cujos livros exploram não apenas a questão policial ou da tradução, mas também questões sócio-políticas, tendo em vista que os assassinos são sempre estrangeiros e o protagonista da história, o personagem Fandorin, parece ser a personificação perfeita da união entre o Oriente e o Ocidente. A autora Daria Dontsova também é citada por Baer. Escritora de histórias de detetive irônicas, Dontsova apresenta como protagonista uma professora russa de Francês que vai visitar uma amiga na França e se vê envolvida em uma série de assassinatos.

Também são citadas as autoras Polina Dashkova e Aleksandra Marinina. A heroína de Dashkova é Vera Saktykova, uma tradutora free-lancer do inglês para o francês. Já a protagonista de Marinina, Nastia Kamenskaia, é agente de polícia e tradutora de histórias policiais. De acordo com Baer, esses heróis tradutores e heroínas tradutoras representam as habilidades de mediação cultural neces-

sárias para compreender aspectos da sociedade russa pós-soviética e repensar a questão da identidade.

De fato, os tradutores como protagonistas nas narrativas, independentemente da categoria que viermos a atribuir a elas, exercem a função de levar o leitor a repensar o que envolve a troca cultural, o que subjaz a comunicação entre povos cujos interesses raramente coincidem. As quatro categorias aqui propostas é apenas uma prévia do que se pode encontrar nos livros nos quais o tradutor é personagem e, certamente, não está fechada.

É pertinente ressaltar também que a divisão: intergalático, inter-nacional ou intercontinental, subjetivo e detetive ou bandido se deu a título de organização dos principais temas, mas não significa que encontremos apenas uma categoria para cada livro. Afinal, os livros de ficção científica apresentados no item intergalático também apresentam questões subjetivas, questionamentos do tradutor acerca do seu ofício. Os livros policiais, como percebemos em alguns exemplos supracitados, também podem abordar tópicos de relações internacionais e assim por diante. A história de *Feriado de mim mesmo*, por exemplo, resulta em um assassinato, mas é permeada por trechos que revelam a psicologia do tradutor.

Independentemente dos temas, o que não se pode negar é que os livros protagonizados por tradutores personagens podem ser uma rica fonte de questionamentos, não apenas para os tradutores que os leiam, mas principalmente para aqueles que se dedicam aos Estudos da Tradução. Afinal, que histórias os autores contam sobre nós?

Bibliografia

ABELAIRA, Augusto. *Ouroora agora*. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1997.

ADAMS, Douglas. *O guia do mochileiro das galáxias*. Tradução: Paulo Henriques Britto e Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Sextante ficção, 2004.

ANDERSON, Jean. "The double agent: aspects of literary translator affect as revealed in fictional works by translators". In DELABASTITA, Dirk; GRUTMAN, Rainier (eds.). *Linguística Anteverpiensia: fictionalizing translation and multilingualism*. Bruxelas: University Press Antwerp, 2005, pp. 171-182.

ARROJO, Rosemary. "A relação exemplar entre o autor e o revisor (e outros trabalhadores textuais semelhantes) e o mito de Babel: alguns comentários sobre *História do Cerco de Jericó*, de José Saramago". *Delta*, v. 19, n. spe. São Paulo: 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&HYPERLINK

"http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300012"&HYPERLINK

"http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300012"pid=S0102-44502003000300012, acesso em 02/07/2007.

_____. 1998. 'O Tradutor Cleptomaniaco' e a Mudança de Paradigma nos Estudos da Tradução. *Anais do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (I CIATI) – Tradução, Interpretação e Cultura na Era da Globalização*. São Paulo, Unibero: 99-102.

BAER, Brian James. "Translating the transition: the translator-detective in Post-Soviet fiction". In DELABASTITA, Dirk; GRUTMAN, Rainier (eds.). *Linguística Anteverpiensia: fictionalizing translation and multilingualism*. Bruxelas: University Press Antwerp, 2005. pp. 243-254.

BUCKLEY Jr., William. *Nuremberg, the reckoning*. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 2002.

CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução: Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CLARKE, Arthur; LEE, Gentry. *A revelação de Rama*. Tradução: Vera Whately e Maria Inez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CRONIN, Michael. *Across the lines: travel language and translation*. Cork: Cork University Press, 2000.

COUTO, Mia. *O último vôo do flamingo*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELABASTITA, Dirk; GRUTMAN, Rainier (eds.). *Linguística Anteverpiensia: fictionalizing translation and multilingualism*. Bruxelas: University Press Antwerp, 2005.

DELANEY, Samuel. *Babel 17*. Nova Iorque: Bantam Books, 1982.

DURANTI, Francesca. *The house on Moon Lake*. Tradução: Stephen Sartarelli. Nova Iorque: Delphinium Books, 2000.

FONSECA, Ana Margarida. História e utopia: imagens de identidade cultural e nacional em narrativas pós-coloniais. Conferência do IV Congresso Internacional da Associação Português de Literatura Comparada. Évora: maio, 2001.

FUENTES, Carlos. *El naranjo*. México: Alfaguara Literatura, 1993.

HARI, Daoud. *O tradutor*. Tradução: Antônio E. de Moura Filho. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KOSTOLÁNYI, Deszo. *O tradutor cleptomaniaco*. São Paulo: Editora 34, 1996.

LEINSTER, Murray. *First contact*. Londres: Astounding science fiction, 1945.

MACIEL, Maria Clara “Por trás das letras: as palavras e os sentidos em *Outrora Agora*, de Augusto Abelaira”. 2005. Disponível em <http://www.elhablador.com/maciel2.htm>, acesso em 28/08/2006.

NAZARIAN, Santiago. *Feriado de mim mesmo*. São Paulo: Planeta, 2005.

PAGANO, Adriana. “Translation as testimony: the official histories and subversive pedagogies in Cortázar” In TYMOCZKO, Maria; GENTZLER, Edwin. *Translation and power*. Amherst e Boston: University of Massachussets Press, 2002. pp 80-98.

PEARL, Matthew. *O clube Dante*. Tradução: M.J. Silveira. São Paulo: Francis, 2005.

SANTIS, Pablo de. *La traducción*. Buenos Aires: Planeta, 1998.

SCHMITZ, John Robert. “When lies become truth: rewriting the conquest of Mexico in Carlos Fuentes’ novella *The two shores*”. *Acta Scientarium. Human and Social Sciences*, v. 28, n. 1. Maringá: 2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/176/126>, acesso em 12/10/2008.

STRÜMPER-KROBB, Sabine. “The translator in fiction”. *Language and intercultural communication*, v. 3 , issue 2, Londres: outubro, 2003 , pp. 115 – 121.

_____. “A good metaphor for all we do? Fictional translators as criminals and detectives”. [Conference Paper], *Translation Right or Wrong*, Trinity College Dublin , 06 e 07 de março de 2009.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Borges e os orangotangos eternos*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

